

Boal: um carioca no Rio



Um momento da «Feira de Opinião»



Cecilia Thumim, que lora de cena e a senhora Augusto Boal

Nascido na Penha, criado no Rio, faz doze anos que Augusto Boal se mudou para São Paulo. De vez em quando vem até aqui e agora veio para curta, curtíssima temporada. Veio trazendo o espetáculo que está batendo recorde em São Paulo, a «1.ª Feira Paulista de Opinião», onde o texto e músicas são da responsabilidade de gente como Edu Lôbo, Caetano Veloso, Lauro César Muniz, Bráulio Pedrosa, Ary Toledo, Gianfrancesco Guarnieri, Sérgio Ricardo, Plínio Marcos, Gilberto Gil e o nosso Augusto Boal. Ao último, fomos procurar para uma entrevista que logo de saída teve uma surpresa: uma pontualidade britânica — diz êle que adquirida em São Paulo. A. B. é bem môco, alto, moreno e forte. Conserva intacta a sua simpatia carioca, jeito de rapaz que jogou «peladas» e torceu pelo Fluminense:

— Cansei de sofrer, agora não faço mais parte de torcidas.

— Gostaria de voltar para o Rio?

— Em São Paulo se trabalha melhor, verdade. Eu aqui não conseguia trabalhar de jeito nenhum. E sabe que quando estive no Rio, onde iniciei uma série de «shows» musicais com o «Opinião», vi que a prala é mesmo a grande culpada. Todo o mundo chegava aos ensaios atrasados — «então eu ia perder um sol desses?» — e eu entendia as razões.

— Foi o começo de uma enxurrada de sucessos, não foi?

— E, tínhamos a Nara, depois substituída pela Betania, o Zé Ketl, o João do Vale. Depois montei «Arena conta Zumbi», «Arena conta Tiradentes», sendo que o último ficou seis meses em cartaz em São Paulo.

— E sua estréia como diretor, quando foi?

— Algum tempo depois de me mudar para São Paulo dirigi «Ratos e Homens» de Steinbeck. Em seguida passei uma temporada montando só autores nacionais inéditos. Entre êles Flávio Migliacio, Oduvaldo Viana Filho, Roberto Freire e Edy Lima.

— Foi uma alegria, não?

— Claro que foi ótimo e depois nunca mais parei. Gosto de meu trabalho, tanto de autor como de diretor. Só vamos ficar no Rio 15 dias, em seguida voltamos para São Paulo com o mesmo espetáculo, que acho a melhor coisa que fiz até hoje. É uma boa bolação a de misturar assuntos: mostramos a realidade — uma realidade mais ligada aos paulistas — sob vários ângulos.

— Projetos?

— Para o próximo ano mais três «Feiras»: a carioca, a latino-americana e a mundial. Para a primeira já tenho uma peça do Dias Gomes, para a latino-americana um poema de Pablo Neruda, uma peça de autor chileno e outra de um argentino. E enquanto espero começo os ensaios de «Mac Bird», que fez o maior sucesso em Nova York.

— Que acha do tropicalismo?

— Quando um ou outro cantor se veste de roupão colorido isso me parece falta de audácia. Eu vou começar a acreditar um pouco mais nesse movimento quando um tropicalista tiver a coragem de fazer o que Baudelaire fazia no século passado: andava com os cabelos pintados de verde e uma tartaruga colorida atada por uma fitinha côm-de-rosa



Renato Consorte reaparece ao público do Rio

O Jornal: Rio de Janeiro - Dom. 15/4/68